

CAMISAS-VERDES DA FRONTEIRA: INTEGRALISMO E MILITÂNCIA EM FOZ DO IGUAÇU-PR (1935-1937)

CAMISAS-VERDES DE LA FRONTERA: INTEGRALISMO Y MILITANCIA EN FOZ DO IGUAÇU (1935-1937)

Diego Monteiro¹

Resumo: O presente artigo analisa as atividades políticas de membros da Ação Integralista Brasileira (AIB) em Foz do Iguaçu-PR entre 1935 e 1937. A partir da análise de fontes periódicas, assumindo como abordagens a História Regional e a História Política, esta pesquisa investigou quais foram as atividades de militância dos integralistas de Foz do Iguaçu e inserções partidárias locais. O presente estudo identificou que o núcleo de Foz do Iguaçu se utilizou de táticas de propaganda política, tais como panfletagem e excursões, e que 6 dos 8 vereadores de Foz do Iguaçu teriam feito parte da AIB entre 1936 e 1937. Nesse sentido, este trabalho contribui para o resgate de trajetórias e atuações políticas de sujeitos históricos ainda pouco explorados pela produção historiográfica.

Palavras-chave: Integralismo; Militância; Foz do Iguaçu.

Resumen: El presente artículo analiza las actividades políticas de miembros de la Acción Integralista Brasileña (AIB) en Foz do Iguaçu-PR entre 1935 y 1937. A partir del análisis de fuentes periódicas, asumiendo como abordajes la Historia Regional y la Historia Política, esta investigación analizó cuáles fueron las actividades de militancia de los integralistas de Foz do Iguaçu e inserciones partidarias locales. El presente estudio identificó que el núcleo de Foz do Iguaçu se utilizó de tácticas de propaganda política, tales como distribución de folletos y excursiones, y que 6 de los 8 concejales de Foz do Iguaçu habrían formado parte de la AIB entre 1936 y 1937. En este sentido, este trabajo contribuye para el rescate de trayectorias y actuaciones políticas de sujetos aún poco explorados por la producción historiográfica.

Palabras clave: Integralismo; Militancia; Foz do Iguaçu

¹ Mestrando em História. Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8201111704951208>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3521-2405>. Email: diegomonteiro1945@gmail.com.

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um movimento político de extrema relevância no contexto político brasileiro da década de 1930. Os militantes do movimento, fundado em 1932 pelo jornalista e escritor Plínio Salgado (1895-1975), contribuíram para uma das maiores manifestações do fascismo fora da Europa e desempenharam papéis de relevância no cenário político nacional do início do século XX.

Ainda no ano de 1932, de acordo com Carmencita Ditzel (2007), a AIB iniciou suas atividades no estado do Paraná, mais precisamente na cidade de Ponta Grossa, sob organização do político Brasil Pinheiro Machado (1907-1997). Ao longo de quase 5 anos, desde seu surgimento em terras paranaenses até sua extinção oficial em 1937, o movimento cresceu e tornou-se presente nas disputas políticas do estado, chegando a eleger diversos vereadores nas eleições de 1935 (ATHAIDES, 2022, p. 193-194).

Este artigo tem por objetivo discorrer sobre a presença e atividade de um núcleo da AIB em Foz do Iguaçu, no extremo-oeste do estado paranaense. As principais problemáticas a serem investigadas são as seguintes: em primeiro lugar, entender mais a fundo quais foram as atividades políticas dos integralistas iguaçuenses, visto que pelo menos dois dos líderes da AIB na cidade, Carlos Zewe Coimbra e Heleno Schimmelpfeng, ocuparam cargos de vereadores na câmara municipal local entre 1935 e 1937 (MONTEIRO, 2025, p. 352); em segundo lugar, identificar migrações partidárias e atividades de militância desses indivíduos.

Para tal, buscou-se na corrente pesquisa identificar e analisar menções às atividades integralistas em Foz do Iguaçu em jornais que circulavam no estado do Paraná no período entre 1932 e 1937. Trata-se dos jornais curitibanos *O Estado*, *O Dia* e *Diário da Tarde*, além do periódico doutrinário integralista *A Offensiva*. O acesso às fontes se deu de forma digital, pela plataforma de pesquisa da Hemeroteca Digital, acervo digitalizado de periódicos disponibilizado pela Fundação Biblioteca Nacional. Os procedimentos de pesquisa incluíram a busca pelas seguintes palavras-chave: “Foz do Iguaçu”, “Carlos Zewe Coimbra”, “Zewe”, “Heleno Schimmelpfeng”, “Schimmelpfeng”. Porquanto, além do emprego de “Foz do Iguaçu”, em sua antiga grafia, como palavra-chave, buscou-se pelos nomes e sobrenomes de dois dos líderes integralistas do núcleo da cidade.

O primeiro periódico, *O Estado*, circulou de 1936 a 1938 e era inclinado politicamente ao Partido Social Democrático (PSD), agremiação governista. Em um primeiro momento, o diário matutino foi dirigido por João Theophilo Gomy Júnior (1887-1959), bacharel em direito

e deputado estadual constituinte pelo PSD (GRANATO, 2019, p. 29) e por Romário Fernandes da Silva. A partir de outubro de 1937, passou a ter José Augusto como diretor.

Já o diário *O Dia* foi publicado entre 1923 e 1961, tendo sido fundado pelo jornalista e político Caio Machado (1885-1954) e por David Carneiro (1870-1928), membro de uma família de recursos oriundos da exploração da Erva Mate no estado do Paraná (LIMA; SILVA, 2026, p. 90). Ainda segundo Lima e Silva, o jornal possuía um cunho comercial e teve alguns diretores em todo o período em que foi publicado. Em nosso recorte analisado, 1936-1937, a direção foi ocupada pelo fundador, Caio Machado.

O *Diário da Tarde*, por sua vez, foi fundado em 1899 e circulou diariamente até 1975 (CAMPOS, 2013, p. 393-394). Uma de suas características era a da publicação de “notícias com forte teor emocional e moral”, ou seja, a presença de um certo “sensacionalismo” em sua linha editorial (CAMPOS, 2013, p. 394). Durante o período analisado nesta pesquisa, o jornal teve como diretores os seguintes nomes: Pádua Nunes, Arthur Ferreira dos Santos, Hostílio Cézar de Souza Araújo e Laertes Munhoz, sendo os três últimos formados em Direito.

A *Offensiva*, o quarto periódico utilizado como fonte neste artigo, difere-se dos anteriores por se tratar de um órgão da imprensa militante integralista. Segundo Simões (2011), o jornal foi publicado no Rio de Janeiro de maio de 1934 até março de 1938, quando foi fechado, devido à complicação das relações entre o governo e os integralistas. De maio de 1934 até o início de 1936, tinha tiragem semanal, sendo vendido apenas por assinatura. A partir da edição de 28 de janeiro de 1936, passou a ser publicado diariamente e a ter a opção de ser comprado via bancas, além da assinatura tradicional, fato que ampliou seu número de vendas (SIMÕES, 2011, p. 61). Com circulação nacional, *A Offensiva* era leitura obrigatória de todos os integralistas e possuía como objetivo levar os dogmas do movimento integralista a todos os cantos e lares do país (OLIVEIRA, 2009).

Embora a AIB tenha sido amplamente estudada em uma perspectiva nacional, desde o trabalho pioneiro de Hégio Trindade, *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 1930*, publicado em 1974, os estudos a respeito da atuação do movimento no Paraná só surgiram nos anos 2000. Historiadores e historiadoras como Carmencita de Holleben Mello Ditzel (2004 e 2007) e Eliziane Gava (2013) realizaram trabalhos acerca da presença dos camisas-verdes nas cidades de Ponta Grossa e Guarapuava, respectivamente. Estudos como o de Luiz Gustavo de Oliveira (2012) e Cláudia Monteiro Gomes da Silva (2012)

também contemplaram o integralismo na cidade de Teixeira Soares. Mais recentemente, em artigo publicado em 2025, estudei a presença dos integralistas em Foz do Iguaçu e a trajetória de seus líderes. Contudo, a historiografia produzida sobre o integralismo no Paraná pouco explorou as atividades políticas de núcleos periféricos do estado, como o de Foz do Iguaçu.

Esses estudos evidenciaram como o movimento integralista se organizou e assumiu configurações específicas em diferentes contextos regionais, que possuíam suas próprias especificidades socioeconômicas e culturais. Ao deslocar o foco de análise, observando as experiências regionais do integralismo, essas pesquisas contribuíram para a problematização da ideia de um movimento integralista homogêneo em todo o território nacional.

O presente artigo se desenvolverá da seguinte forma: em um primeiro item, se discorrerá a respeito da instalação e posterior atuação da Ação Integralista Brasileira no Paraná, destacando a presença do movimento em um número significativo de municípios e a adesão da AIB ao jogo político eleitoral, suas questões com os partidos já estabelecidos e seus resultados eleitorais nas eleições municipais de 1935 no estado; em seguida, será feita uma análise de trechos de jornais sobre a presença da AIB em Foz do Iguaçu e sobre a situação socioeconômica do município durante a década de 1930.

O leitor pode perguntar no que o presente artigo se difere do anterior, publicado em 2025. Embora aquele trabalho contribua com a historiografia sobre a AIB no Paraná, resgatando trajetórias pouco ou de forma alguma trabalhadas até então, ele limita-se a abordar o assunto utilizando como fonte jornais integralistas, documentos produzidos pela Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) e atas das sessões ordinárias da Câmara de Vereadores de Foz do Iguaçu. Nesse sentido, o presente trabalho traz fontes ainda não analisadas: jornais pertencentes à imprensa tradicional do Estado do Paraná, que nos trazem novas e relevantes informações a respeito dos integralistas do município iguaçuense. Não obstante, o jornal integralista *A Offensiva* volta a ser utilizado como fonte neste segundo artigo, mas sob procedimentos metodológicos distintos: enquanto a pesquisa anterior delimitou-se aos exemplares do periódico publicados em 1935, de modo a entender a fundação do núcleo da AIB em Foz do Iguaçu, este artigo ampliou o recorte temporal analisado, valendo-se das edições de 1936 e 1937 do jornal integralista.

HISTÓRIA REGIONAL, HISTÓRIA POLÍTICA E A IMPRENSA COMO FONTE HISTÓRICA

De acordo com Carlos Eduardo Zlatic (2020), a História regional é capaz de proporcionar ao historiador um olhar mais cauteloso às explicações totalizantes, visto que pode abrir um vasto leque de possibilidades de estudos que elejam como enfoque de suas problemáticas recortes espaciais menores, fornecendo respostas mais profundas a uma variedade de questões (ZLATIC, 2020, p. 73).

Entretanto, segundo Aldieris Braz Amorim Caprini (2011), ao produzir uma pesquisa com enfoque regional, sobretudo ao tratar das relações de poder dessa região, não basta que o historiador apenas narre os fatos específicos de determinada localidade, mas que problematize as estruturas de poder, questionando as formas de ocupação do poder e buscando a relação entre o poder e a sociedade (CAPRINI, 2011, p. 109).

São essas relações de poder que tornaram-se objetos de estudo do que a historiografia chamou de “Nova História Política”. Enquanto a tradicional História Política do século XIX elegia como foco com a política dos grandes Estados e dos “grandes homens”, a partir dos anos 1980, a Nova História Política voltou seus olhos para as outras modalidades do poder, como os micro-poderes cotidianos, os sistemas de representações políticas, os símbolos, os discursos e os mitos políticos (CAVALCANTE NETO, 2007, p. 99). Não obstante, antigos objetos da “Velha História Política” ganharam novas roupagens e interpretações, como a guerra, a diplomacia, as instituições e a trajetória política de personagens que ocuparam lugares na organização do poder (BARROS, 2005, p. 234).

Com esse novo momento de estudo da História Política, os historiadores passaram a se preocupar também com as multidões e os indivíduos “anônimos”, fazendo com que pesquisas que tomassem esses sujeitos históricos como objetos de estudo tornaram-se cada vez mais populares (RÉMOND, 2003, p. 33). De forma parecida, no final do século XX, cada vez mais passaram a ser produzidas pesquisas que focaram nos partidos, nos movimentos políticos, nos processos eleitorais e na opinião pública (FERREIRA, 1992, p. 267).

Portanto, este trabalho utiliza como principais abordagens a Nova História Política e a História Regional, visto que ambas as perspectivas nos oferecem possibilidades interessantes para o estudo da Ação Integralista Brasileira, enquanto partido político e também movimento, no estado do Paraná e, sobretudo, na cidade de Foz do Iguaçu nos anos 1930. Ao utilizarmos o recorte regional, retomando Zlatic (2020), podemos observar

com mais atenção as particularidades do movimento integralista no estado, especialmente em relação a estratégias de organização e de expansão ideológica. Ademais, se tomamos a História Política como abordagem, atentos às novas possibilidades descritas por Rémond (2003), para analisar a trajetória de indivíduos ainda pouco abordados pela historiografia, poderemos elucidar as relações de poder e a relação dos integralistas com as mesmas no extremo-oeste paranaense.

Como mencionado anteriormente, essa pesquisa utiliza como fonte uma maioria de jornais paranaenses, voltados, sobretudo, ao grande público, publicados em Curitiba nos anos 1930 e com alcance estadual. Trata-se de publicações que podem ser classificadas, de acordo com Silva e Franco (2010), como “Jornais de temática livre”: periódicos alinhados com a indústria cultural, que abordam temas diversos, com tamanho considerável e que possuem diversas colunas de cunho informativo, anúncios, notícias, reportagens, além de opiniões e análises realizadas por profissionais em relação às questões culturais, políticas e econômicas da sociedade (SILVA; FRANCO, 2010, p. 7).

O recorte temporal analisado, os anos 1930, coincidem com a intensificação da urbanização e industrialização do país, processo de transformação da sociedade brasileira que foi devidamente acompanhado pela imprensa periódica e pelo crescimento desta (SILVA; FRANCO, 2010, p. 3). Desse modo, conforme Silva e Franco, apesar das grandes dificuldades logísticas, levando em conta as extensas dimensões territoriais brasileiras, e a demora na propagação de informações para as regiões mais isoladas, a difusão da informação através da imprensa escrita foi fundamental para o registro de acontecimentos e das transformações vividas pela sociedade brasileira no início do século XX.

O jornal, por sua vez, constitui um tipo específico de fonte a ser investigada e utilizada pelo historiador. Logo, é necessário compreender a imprensa como uma linguagem que constrói o social, que possui sua historicidade e suas peculiaridades próprias, o que demanda do pesquisador o entendimento das relações entre imprensa e sociedade (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258).

De acordo com José D’Assunção Barros (2021), duas das principais características desse tipo de fonte, que as tornam produtos especialmente particulares, são a periodicidade e o largo alcance. Desse modo, eles

já nascem como uma série que se estende ao longo do tempo. Podem ter uma existência menos ou mais extensa entre o seu nascimento e o seu

desaparecimento, e pode ocorrer mesmo o caso de jornais que não ultrapassaram as duas ou três primeiras edições; não obstante, a intenção de se criar um jornal, ou qualquer outro periódico, implica propor a sua continuidade no tempo através de edições-exemplares que pretendem se suceder uma à outra, de acordo com um ritmo ditado pelo seu padrão de periodicidade (o jornal diário, semanal, ou mesmo mensal). Para nós, historiadores, isso é importante porque, através dos sucessivos exemplares periódicos de um mesmo jornal, encadeia-se uma história que precede a operação historiográfica. Precisamos sempre nos aproximar desta história, pois não faz muito sentido analisar uma edição de um jornal separada das outras que a precederam, a não ser como fonte de reforço para alguma informação mais específica. Mesmo que nos concentremos na edição que veio a público em determinado dia, o olhar para trás, para a série de edições anteriores, é incontornável para a análise historiográfica de um jornal (BARROS, 2021, p. 403).

Portanto, conforme Barros, ao trabalharmos com fontes periódicas, é importante que nos atentemos à continuidade e à complementaridade das edições, isto é, à uma amostragem maior de números publicados. Junto ao fator de encadeamento de textos e notícias, outra característica que Barros apresenta como fundamental e de especial atenção ao pesquisador é o discurso de veracidade, ou seja, de que o jornal, a menos que seja humorístico, constitui um veículo de informação estritamente comprometido com a verdade dos fatos, o que lhe proporciona o estabelecimento de um vínculo de confiança com os leitores (BARROS, 2021, p. 403).

Barros também chama a atenção para o fator do largo alcance dos textos jornalísticos, o que faz com que esse tipo de fonte atinja um grande número de pessoas, repercuta entre as populações e, conseqüentemente, penetre em diversos segmentos sociais e se transforme em um poderoso ator político na sociedade contemporânea (BARROS, 2021, p. 404). Não obstante, os jornais definem espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, estabelecem consensos, propõem diagnósticos do presente, assimilam diferentes interesses e projetos de variadas forças sociais e constituem, eles próprios, espaços privilegiados da articulação desses projetos (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258-259).

A AÇÃO INTEGRALISTA NO PARANÁ: DA FUNDAÇÃO À DISPUTA NAS URNAS

A instalação da AIB no Paraná possui, de acordo com Rafael Athaides (2012), duas narrativas que apontam para origens distintas. A “oficial” foi narrada pelo advogado Manoel Vieira de Alencar (1873-1960) e pelas demais lideranças integralistas de Curitiba, e remonta o início das atividades da AIB no estado ao mês de julho de 1934, na capital paranaense, sob a chefia do próprio Alencar. Entretanto, como bem argumenta Athaides, as fontes analisadas por Carmencita Ditzel (2007) indicam que a AIB montou seu primeiro reduto no

estado na cidade de Ponta Grossa, em 1932, com a chefia do ex-prefeito municipal Brasil Pinheiro Machado. Além disso, segundo Athaides, entre dezembro de 1933 e março de 1934, o jornal *Monitor Integralista* registrou atividades de organização e coordenação do integralismo para todo o estado, concentradas na figura de Pinheiro Machado.

As lideranças de Curitiba, no entanto, não reconheceram a origem que remontava a Machado como fundador da AIB no estado e à Ponta Grossa como cidade que propagou o integralismo pelo Paraná, e a história prévia do movimento no estado antes de julho de 1934 foi omitida de um retrospecto histórico publicado no periódico *A Razão*, em julho de 1935 (ATHAIDES, 2012, p. 69-70). Não obstante, ainda conforme Athaides, o nome de Brasil Pinheiro Machado não voltou a aparecer nas páginas do jornal *Monitor Integralista* após 1933.

De acordo com Tatiana Marchette (2013), com o I Congresso Nacional Integralista, realizado entre fevereiro e março de 1934, em Vitória-ES, ocorreu a estruturação hierárquica da AIB, através da publicação e aplicação ampliadas de seus estatutos oficiais. Em decorrência dessa estruturação, em junho daquele ano, Plínio Salgado nomeou Manoel Vieira de Alencar como Chefe Provincial, que por sua vez, designou o professor Estevam Zewe Coimbra como Chefe do Integralismo em Ponta Grossa, não reconhecendo a coordenação anterior de Pinheiro Machado (MARCHETTE, 2013, p. 130-131).

Marchette aponta como principal razão do afastamento de Machado da organização hierárquica do integralismo no estado o seu bom relacionamento com o governador Manoel Ribas (1873-1946), que o havia nomeado prefeito de Ponta Grossa em 1932, ainda como interventor. Portanto, a AIB teria visto Machado como um colaborador do poder instituído (MARCHETTE, 2013, p. 145). Ademais, Rafael Athaides afirma que a decisão de Salgado de colocar a AIB nas disputas eleitorais pode ter colocado Pinheiro Machado em uma posição política complicada, pois a confiança que as forças locais, sobretudo Manoel Ribas, detinham em sua figura seria radicalmente afetada pela opção ao exclusivismo integralista. Desse modo, por Machado optar pela manutenção com as alianças já estabelecidas, as lideranças de Curitiba viram nele um “primeiro líder desistente” e uma vergonha para a militância integralista paranaense (ATHAIDES, 2012, p. 70).

Segundo Eliziane Gava (2023), a relação entre integralistas e oligarquias, contudo, já não era amistosa, visto que os camisas-verdes ainda defendiam os lemas anti-oligárquicos da intitulada Revolução de 1930. Dessa forma, tanto as oligarquias mais

liberais e próximas do federalismo como as adeptas da centralização varguista não possuíam grandes simpatias pela AIB (GAVA, 2023, p. 128).

Conflitos à parte, Athaides aponta que os trabalhos de instalação oficial da Ação Integralista no Paraná continuaram e, em julho de 1934, a sede provincial foi instalada em um sobrado na Rua Barão do Rio Branco, na capital paranaense. Em setembro, Plínio Salgado visitou a Província pela primeira vez após a fundação oficial, onde, ao lado de Miguel Reale, outra importante figura do movimento, passou por Curitiba e Ponta Grossa, onde participou de diversas atividades, como conferências com os militantes e visitas às sedes. Destaca-se a conferência realizada no Teatro Guaíra, em Curitiba, que foi descrita pela imprensa integralista como “um dos mais significativos acontecimentos que já se registraram na capital do Paraná” (ATHAIDES, 2012, p. 73).

No final de 1934, outros núcleos integralistas foram fundados pelo estado, a começar pelos de Campo Largo, Paranaguá, Antonina e Morretes, sendo este último resultado da intensificação dos trabalhos de coordenação dos militantes parnanguaras e antoninenses no litoral do estado (ATHAIDES, 2012, p. 80-81). De acordo com Athaides, os núcleos de Rio Negro, que se tornaria o maior do interior paranaense, e o de Bocaiúva foram fundados também ao final daquele ano, em dezembro.

A partir daí, o objetivo dos integralistas era estabelecer, primeiramente, um ponto de apoio e, em seguida, um núcleo em cada um dos 57 municípios do Paraná naquele período (ATHAIDES, 2012, p. 84). Segundo Athaides, para fundar um núcleo, os indivíduos interessados no interior deveriam procurar estabelecer contato com a Chefia Provincial, na capital, para receber instruções de procedimento.

Entre as estratégias de penetração nas localidades do interior, estavam a panfletagem e a inserção de artigos de divulgação em jornais locais (ATHAIDES, 2012, p. 84). Após o período de propaganda, o núcleo era fundado assim que uma quantidade notável de indivíduos pudessem realizar um juramento no ato de implantação. Durante o evento oficial de fundação, os coordenadores locais e os chefes de “bandeira”, geralmente vindos de uma das cidades mais importantes para o integralismo no estado, como Curitiba, Rio Negro e Ponta Grossa, por exemplo, faziam um discurso de fundação e realizavam o juramento dos militantes locais previamente alistados (ATHAIDES, 2012, p. 114). De acordo com Athaides, com a oficialização, o coordenador local tornava-se, inevitavelmente, o Chefe Municipal dos núcleos recém-fundados.

Segundo Athaides, ao final do ano de 1934, a AIB contava com 8 núcleos municipais no Paraná, trabalhos de coordenação embrionários em cidades do interior e algo em torno de 2000 filiados. Em 1935, os integralistas somaram cerca de 10.000 adeptos no estado, com a consolidação de núcleos no Litoral, no Sul e no Centro, além da instalação de núcleos no Norte e no extremo Oeste, em Foz do Iguaçu (ATHAIDES, 2012, p. 113).

O ano de 1935 trouxe consigo a transformação da AIB em partido político, determinado no II Congresso Integralista, ocorrido em Petrópolis-RJ, entre 07 a 09 de março. Tal movimento rendeu aos integralistas uma abertura maior ao eleitor médio brasileiro e a possibilidade de se inserirem no jogo eleitoral (ATHAIDES, 2012, p.180).

Em junho, o periódico doutrinário do integralismo paranaense, o curitibano *A Razão*, chamou os integralistas do Paraná às urnas, vislumbrando as eleições municipais que seriam realizadas em setembro daquele ano. Entre os inimigos eleitorais da AIB no estado, estavam os “candidatos dos coronéis”, espalhados por partidos como o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Social Nacionalista (PSN), e apoiados por chefes locais que detinham grande influência nos interiores paranaenses (ATHAIDES, 2022, p. 185). Nesses contextos locais, os integralistas desafiavam os poderes dos coronéis e das famílias de linhagem influente, enquanto nos âmbitos estaduais, a militância contrária às “máquinas políticas estaduais” causava confrontos entre a AIB e os interventores e governadores (HILTON, 1977 apud ATHAIDES, 2012, p. 181).

Segundo Athaides, devido ao temor de uma possível repressão, os ataques aos adversários políticos durante a campanha eleitoral de 1935 foram um tanto comedidos. O jornal *A Razão* publicou somente em 23 de agosto, às vésperas da eleição, uma matéria que criticava os “partidos políticos situacionistas ou oposicionistas do Brasil”, mas que fazia menção direta ao Partido Social Democrático (PSD) e à União Republicana Paranaense (URP), os dois principais adversários diretos dos camisas-verdes no estado (ATHAIDES, 2022, p. 186-187). O partido que ficou de fora da crítica do periódico foi o PSN, de cunho oposicionista ao governo Ribas, e liderado pelo influente e respeitado Major Plínio Tourinho (1882-1950), figura que, segundo Athaides, era visto pelos integralistas paranaenses como um simpatizante da AIB.

De acordo com Oliveira (1997), Plínio Tourinho comandou as forças da chamada Revolução de 1930 no estado e viu seu irmão, o general Mário Tourinho, ser nomeado interventor do Paraná por Vargas ainda no início do governo provisório. Os irmãos Tourinho

faziam parte de uma configuração de famílias tradicionais que detinham grande poder e status na sociedade e política paranaenses desde os tempos do Império. Contudo, apesar da influência e do apoio inicial dos “revolucionários” do estado, o interventor Mário Tourinho passou a enfrentar rapidamente a oposição dos mesmos, sobretudo dos militares, e acabou por renunciar ao cargo em dezembro de 1931 (OLIVEIRA, 1997, p. 47-49).

Após breve interventoria provisória de João David Pernetta, tradicional político paranaense do período da Primeira República, Getúlio Vargas nomeou o gaúcho Manoel Ribas para o cargo em janeiro de 1932. A escolha de Ribas foi estratégica, visto que possuía a confiança pessoal do presidente e o apoio de importantes setores das classes dominante e trabalhadora paranaenses: ao mesmo tempo em que carregava um vínculo com as elites oligárquicas dos Campos Gerais do Paraná, constituía uma importante liderança dos trabalhadores ferroviários (OLIVEIRA, 1997, p. 49).

Desde a chegada de Ribas ao governo em 1932, o Partido Social Nacionalista dos irmãos Tourinho consolidou-se como oposição, reunindo antigos “revolucionários” de 1930, e possuindo reconhecimento por parte da população, além de notável capital político (ATHAIDES, 2022, p. 189). Conforme Athaides, “o PSN compartilhava com a AIB o caráter nacionalista, sem precisar dos componentes e da ritualística do fascismo que, sem muitas dúvidas, afastavam uma parte da população” (ATHAIDES, 2022, p. 190)

A suposta simpatia de Plínio Tourinho pelo movimento do Sigma teria como base elementos ideológicos próximos entre o PSN e a AIB, além de uma declaração escrita, oriunda de uma carta do major a Manoel Vieira de Alencar, chefe provincial, em que criticava a Liberal-Democracia e defendia o nacionalismo e a liberdade partidária irrestrita (este último ponto foi completamente ignorado pelos integralistas) (ATHAIDES, 2022, p. 187). Tais palavras renderam a Tourinho, portanto, o posto de novo “simpatizante” do integralismo no estado.

Com as eleições municipais de setembro de 1935, os integralistas paranaenses avançaram rumo à ocupação do poder, elegendo um prefeito na cidade de Teixeira Soares, a primeira cidade a ter um camisa-verde eleito para o cargo, metade dos vereadores de câmaras municipais de cidades relevantes, como Ponta Grossa e Rio Negro, e vereadores em Imbituva (6), Curitiba (3), Lapa (3), Jacarezinho (2), Paranaguá (1) e São Matheus (1). Além disso, na capital, os camisas-verdes conseguiram a segunda colocação no número

de votos gerais (2190 no total), sendo superados apenas pelo PSD, com 4412 votos, e ficando a frente do PSN, que alcançou 1620 votos (ATHAIDES, 2022, p. 194).

Portanto, considerando os resultados nas grandes cidades, a Ação Integralista Brasileira despontou como a segunda força eleitoral do Paraná, atrás somente do partido governista, o PSD de Ribas, ultrapassando, em muitas localidades, o PSN, principal oposição, que contava com figuras militares influentes no estado (ATHAIDES, 2022, p. 193-194).

A MILITÂNCIA INTEGRALISTA EM FOZ DO IGUAÇU

O Oeste paranaense, sobretudo a região de Foz do Iguaçu, possuía características muito próprias, em comparação às outras localidades do estado. A região era habitada por cerca de dez mil pessoas na década de 1930, sendo a maioria de argentinos e paraguaios (PRIORI et al. 2012, p. 80). Essa população era justificada pelas *obrages*, latifúndios voltados à exploração de erva-mate e de madeira, mantidas por trabalhadores em péssimas condições de trabalho e de vida. Nesse espaço, pouco se falava a língua portuguesa e a moeda em circulação era o peso argentino (PRIORI et al. 2012, p. 80).

O período obrageiro pode ser delimitado entre 1881 e 1930, e faz parte do que Silva, Lisboa e Gimenez chamam de “elemento histórico unificador” da história do Oeste paranaense, estabelecido pela obra de Ruy Wachowicz, *Obrageros, Mensus e Colonos*, publicada pela primeira vez em 1987 (SILVA; LISBOA; GIMENEZ, 2022, p. 368-369). Neste trabalho, considerado pioneiro e que faz parte dos clássicos da historiografia paranaense, Wachowicz aborda a história da colonização do Oeste do estado, que consistiria em dois principais movimentos: a exploração de recursos naturais do território, como madeira e erva-mate, através das *obrages*, de 1881 a 1930, e, posteriormente, até os anos 1950-1960, o estabelecimento de empresas colonizadoras, que, ao comercializar propriedades na região, considerada pelo Estado como um vazio demográfico, atraíram um grande volume migratório de colonos gaúchos e catarinenses (SILVA; LISBOA; GIMENEZ, 2022, p. 369-376).

Para justificar a colonização do Oeste (e desconsiderando a presença de populações originárias no território), o Estado brasileiro perpetuou o discurso oficial de que a região oeste do Paraná seria ‘vazia’, ‘isolada’, ‘praticamente abandonada’, e entregue à ação das *obrages* estrangeiras (PRIORI et al. 2012, p. 78-79). O território era, de fato, de difícil acesso. Adentrá-lo somente era possível através da navegação pelo rio Paraná, da estrada

de ferro Guaíra-Porto Mendes e de uma rota terrestre que conectava Guarapuava a Foz do Iguaçu. O transporte via barco ou trem, no entanto, era controlado pelo governo argentino e pela Companhia Mate Laranjeira, empresa de origem paraguaia (PRIORI et al. 2012, p. 80).

Segundo Silva (2009), até meados da década de 1950, a maior parte das mercadorias consumidas pela pequena população residente em Foz do Iguaçu tinha origem argentina, através dos vapores platinos que vinham, geralmente, da cidade de Posadas. Além disso, havia uma maior facilidade de comunicação com o país vizinho do que com outras partes do Brasil, devido à uma melhor velocidade dos serviços postais argentinos em comparação aos brasileiros (SILVA, 2009, p. 125).

Apesar do consenso historiográfico de que a formação do Oeste paranaense pode ser explicada através dos processos de colonização envolvendo primeiro as *obrages* e, posteriormente, as companhias colonizadoras, Silva, Lisboa e Gimenez (2022) argumentam que essa explicação não se aplica para a região do extremo-oeste do estado, em Foz do Iguaçu (SILVA; LISBOA; GIMENEZ, 2022, p. 382).

A região, que já possuía a presença de populações indígenas há cerca de dois mil anos, teve sua ocupação oficial pelo Estado brasileiro iniciada em meados da década de 1880, ao final do período imperial (BRIGHENTI, SANTOS, 2017, p. 121). Com o objetivo de colonizar a região, fronteira com Argentina e Paraguai, foi fundada uma Colônia Militar em 1892, que buscou incentivar a ocupação com a concessão de terras aos colonos interessados em ocupar a região para realizar atividades agropastoris e de extração de erva-mate e madeira (SILVA; LISBOA; GIMENEZ, 2022, p. 371-372).

Contudo, os autores argumentam que, em um primeiro momento, a região da tríplice fronteira, incluindo a cidade de Foz do Iguaçu, não vivenciou os mesmos processos que tradicionalmente são atribuídos como vetores da colonização do Oeste paranaense. Conforme os autores, a venda de títulos de terra a particulares, que viabilizariam a atuação das *obrages*, só ocorreu após 1913, e os empreendimentos não obtiveram êxito em colonizar a região até 1930. Não obstante, durante a fase em que o Estado brasileiro incentivou a atuação de empresas colonizadoras, após 1930, o extremo-oeste vivenciou outras transformações, sobretudo a criação dos parques nacionais argentino (1934) e brasileiro (1939) (SILVA; LISBOA; GIMENEZ, 2022, p. 377-382). A criação dos parques significou a preservação natural de uma grande área do território do Oeste do estado, o que

dificultou a criação de novos municípios, que só surgiram após os anos 1950 (SILVA; LISBOA; GIMENEZ, 2022, p. 377).

Portanto, o Extremo-Oeste paranaense, sobretudo a cidade de Foz do Iguaçu, formou-se enquanto ponto de conexão com a Argentina e o Paraguai, países que também buscaram, a suas maneiras, ocupar o território trinacional (SILVA; LISBOA; GIMENEZ, 2022, p. 380). É possível, então, considerar a região, durante os anos 1930, como um espaço mais próximo (tanto do ponto de vista físico como econômico e cultural) dos países vizinhos, sobretudo da Argentina, do que do restante do Paraná.

Nesse contexto, os integralistas paranaenses consideravam a fundação de um núcleo na região como fundamental, a fim de demonstrar que o movimento se fazia presente desde o Oceano Atlântico, ao extremo-leste, até a fronteira com Argentina e Paraguai, ao extremo-oeste (ATHAIDES, 2012, p. 129-130). Tal desejo foi realizado, e entre o final de outubro e o início de novembro de 1935, o núcleo integralista de Foz do Iguaçu foi fundado oficialmente, sob chefia do professor e vereador Carlos Zewe Coimbra (MONTEIRO, 2025, p. 348). Coimbra se elegeu vereador pelo PSD nas eleições daquele ano, mas cerca de um mês depois, abandonou a legenda e se filiou à AIB, devido a questões ideológicas e ao antigo partido não possuir, na sua opinião, programa algum para o pequeno município iguaçuense (MONTEIRO, 2025, p. 350)².

Em estudo anterior (MONTEIRO, 2025), demonstrei que atas da câmara municipal de Foz do Iguaçu citam a presença de pelo menos dois vereadores integralistas: os já mencionados Carlos Coimbra e o ex-prefeito Heleno Schimmelpfeng. Coimbra era professor, tal qual seu irmão e também chefe integralista de Ponta Grossa, Estevam Zewe Coimbra; já Heleno Schimmelpfeng era engenheiro e filho do primeiro prefeito de Foz do Iguaçu, Jorge Schimmelpfeng, e havia sido prefeito nomeado do município entre 1928 e 1930 (MONTEIRO, 2025, p. 359-362). O jornal curitibano *Diário da Tarde*, em sua página dedicada ao Partido Social Nacionalista, indicou que Heleno Schimmelpfeng integrava o diretório do PSN em Foz do Iguaçu em agosto de 1934 (*Diário da Tarde*, n. 11850, 16/08/1934)³.

² O nome de Coimbra também aparece em uma relação dos candidatos do PSD à câmara de vereadores de Foz do Iguaçu nas eleições municipais de 1935, a saber: “Carlos Zeve Coimbra, José Werner, Candido Ferreira, Romulo Trevisani, Pedro Keru, Francisco Padilha, Alexandre Kucevisch, Jorge Werner” (O Dia, n. 3577, 10/09/1935).

³ Faziam parte, ainda, da organização do PSN em Foz do Iguaçu em 1934: Frederico Chevalier, Fulgêncio Pereira, Sylvio Sottomaio e Noé Gomes Pereira (Diário da Tarde, n. 11850, 16/08/1934).

A adesão de Heleno Schimmelpfeng ao integralismo, provavelmente entre 1935 e 1936, conferiu à AIB o apoio de uma importante figura da política municipal iguaçuense daquele período. Nesse sentido, Athaides aponta que, em consonância com a guinada do integralismo rumo à política tradicional, em alguns locais do estado, o apoio à AIB foi alavancado pelo aproveitamento de capitais políticos anteriores (ATHAIDES, 2022, p. 193). É possível pensar que o mesmo fenômeno tenha ocorrido no contexto iguaçuense, visto que Schimmelpfeng já havia ocupado a prefeitura no final dos anos 1920, e possivelmente lograva de algum prestígio político herdado de seu pai, o “Coronel” Jorge Schimmelpfeng (MONTEIRO, 2025, p. 359).

As mesmas atas registram a atuação de Coimbra como vereador, em que se destaca um discurso feito pelo chefe integralista ao tomar posse como suplente em setembro de 1936, onde se dizia injustiçado pela exoneração que teria sofrido dos cargos de inspetor escolar do município, de diretor e professor do Grupo Escolar Bartolomeu Mitre (MONTEIRO, 2025, p. 350). Os afastamentos teriam sido motivados, de acordo com o vereador, por motivos políticos e ideológicos, isto é, por conta de sua posição integralista (MONTEIRO, 2025, p. 350).

O jornal curitibano *O Dia* trouxe, em fevereiro daquele ano, a divulgação de informações enviadas de seu correspondente em Foz do Iguaçu. Entre as novidades sobre a cidade, o correspondente, de nome não identificado, escrevia sobre a situação educacional do município fronteiriço, cuja qual, segundo ele, não enfrentava os melhores dias:

Tiveram inicio a 15 do corrente, as aulas do Grupo Escolar Bartolomeu Mitre desta cidade, sob a direção do prof. Carlos Zeve Coimbra que tem demonstrado grande desinteresse pela orientação do referido estabelecimento. Desde o início das férias acha se ruido em diversos logares o muro externo, dando livre passagem ao gado que alli vae pastar com grave perigo para os menores alumnos (O Dia, n. 3512, 20/02/1936).

Ainda segundo a matéria, a escola estaria sem duas professoras efetivas, o que estaria deixando os estudantes sem as respectivas disciplinas da grade. Não obstante, além do Grupo Escolar Bartolomeu Mitre, das escolas “isoladas” de Foz do Iguaçu, apenas uma estaria funcionando, mas que seria dirigida por “um senhor quasi analphabeto” (O Dia, n. 3512, 20/02/1936). Este diretor só estaria no cargo, segundo o correspondente, por ser integralista, fato que agradaria ao inspetor escolar do município e chefe da AIB iguaçuense, Carlos Coimbra. De acordo com o jornal, as demais escolas da região estariam sem aulas,

com a exceção de uma, dirigida por Ignácio Baptista, mas que estaria de viagem ao Rio de Janeiro:

As demais acham se vagas com exceção de uma que é dirigida pelo professor Ignacio Baptista, que acha se na Capital Federal onde fôra afim de passar o Carnaval, não lembrando talvez que dezenas de crianças são prejudicadas com esse seu passeio fóra das férias regulamentares (O Dia, n. 3512, 20/02/1936).

Esses trechos carregam, claramente, um tom de denúncia a respeito da situação das escolas de Foz do Iguaçu. Contudo, pode-se perceber também que a crítica provavelmente possui um fator político-ideológico envolvido. Ao mencionar a questão partidária de Coimbra, é possível que o autor quisesse associar os problemas de estrutura e de funcionamento da educação iguaçuense não somente à figura de Coimbra como inspetor educacional e diretor, mas também ao integralismo e ao próprio Coimbra como chefe municipal. Isso é reforçado pelo trecho que aparece logo abaixo do anterior:

Acha se funcionando em novo predio gentilmente cedido pelo sr. Heleno Schmmelpfeng (sic), a séde do nucleo municipal da Acção Integralista Brasileira. O prof. Carlos Zeve Coimbra, chefe municipal do mencionado nucleo, não tem poupado esforços em sua propaganda, ora fazendo excursões às Cataratas do Iguassú, com os adeptos plinianos, ora fazendo passeios pelas colonias adjacentes distribuindo folhinhas com o distintivo do Sigma e o cliché do chefe supremo integralista (O Dia, n. 3512, 20/02/1936).

“Plinianos” era como eram chamadas as crianças e adolescentes que faziam parte da Juventude Integralista, que abrangia desde os 5 até os 18 anos de idade. Em seus núcleos municipais, os jovens eram iniciados na doutrina do Sigma, com a finalidade de desenvolverem seu “aperfeiçoamento moral, cívico, intellectual e physico” (SANTORUM, 2018, p. 23). Tendo como base o escotismo, doutrina educacional criada pelo inglês Robert Baden-Powell, em 1907, a Juventude Integralista visava, através de atividades como aulas, passeios, jogos e excursões, formar crianças e jovens nos ideais cívicos e patrióticos, com o enaltecimento de símbolos nacionais e o respeito à ordem (SANTORUM, 2018, p. 71). Em consonância com outros movimentos fascistas pelo globo, a Juventude Integralista constituía, portanto, um instrumento de arregimentação, controle e doutrinação das camadas juvenis (SANTORUM, 2018, p. 13).

Desse modo, as excursões às Cataratas do Iguaçu faziam parte das atividades de caráter escotista dos plinianos de Foz do Iguaçu, possivelmente como forma de visualizar uma manifestação da “grandeza” da nação brasileira e como um instrumento da educação cívica do integralismo. Vale lembrar que o Parque Nacional do Iguaçu só viria a ser criado

em 1939 e que as Cataratas ficavam há dezenas de quilômetros do pequeno núcleo urbano de Foz do Iguaçu.

Quanto às “colonias adjacentes” que Coimbra visitaria à serviço da propaganda integralista, é difícil precisar suas naturezas e localizações. O correspondente do jornal poderia estar se referindo a minúsculos grupos populacionais que poderiam existir nas redondezas ou a colônias de imigrantes europeus na região. A mais próxima documentada era a de Sol de Maio, criada em 1926, propriedade da companhia colonizadora italiana Espéria e que ficava a cerca de 94 quilômetros da tríplice fronteira (SILVA, 2021, p. 51-52). Contudo, segundo Silva, o empreendimento não prosperou e a Espéria encerrou suas atividades em 1937.

Não se sabe qual foi ou mesmo se houve uma repercussão das notícias que *O Dia* trouxe de Foz do Iguaçu e seu chefe integralista na capital. Entretanto, fato é que o mesmo periódico noticiou em 7 de maio daquele ano, sob proposta da Diretoria Geral da Educação, a nomeação de José Werner para o cargo de inspetor escolar do município iguaçuense, “exonerando o atual”, Carlos Zewe Coimbra (*O Dia*, n. 3584, 07/05/1936).

Mais do que isso, ao final de maio, o correspondente do jornal em Foz do Iguaçu demonstrou satisfação pelo afastamento de Coimbra, entretanto, indicou que seu substituto para o cargo se tratava de outro nome: “Foi muito bem recebida nesta cidade a exoneração do sr. Carlos Zeve Coimbra do cargo de inspetor escolar e consequente nomeação do sr. Accacio Pedroso” (*O Dia*, n. 3601, 27/05/1936).

A mesma edição de *O Dia* que denunciava Coimbra pela suposta negligência em relação às questões educacionais do município, citava o nome de Acácio Pedroso como “influente chefe político” da cidade, ao noticiar um casamento local que envolvia uma de suas parentes (*O Dia*, n. 3512, 20/02/1936). Não obstante, o jornal curitibano *O Estado* vinculou, em dezembro daquele mesmo ano, na primeira página, uma entrevista com Acácio Pedroso, descrito como “comerciante muito conhecido”, um dos fundadores do PSD e membro do diretório do partido em Foz do Iguaçu (*O Estado*, n. 66, 17/12/1936).

A entrevista, descrita pelo jornal como “emocionante e imprevista” é extensa, ocupando a metade da primeira página da edição e continuando na oitava página. Pedroso teria procurado a redação de *O Estado*, em Curitiba, para pedir que o jornal expusesse uma série de informações sobre a situação econômica do município de Foz do Iguaçu. Segundo Pedroso, a tríplice fronteira estaria “esquecida” e “em estado agreste, talvez como se

encontrava na época em que foi nossa terra descoberta” (O Estado, n. 66, 17/12/1936). Além disso, o isolamento do município e a fraca infraestrutura seriam graves problemas da região:

Temos apenas uma localidade pauperrima; populações esparsas, sem qualquer conforto e estamos a milhares de quilômetros do contacto com os centros de povoação mais desenvolvidos de nossa pátria. Vivemos, apenas, a margem de um grande rio, nas proximidades de intraduzíveis bellezas naturais (O Estado, n. 66, 17/12/1936).

Além da questão do afastamento em relação ao restante do país, Pedroso afirmava que haveria um grande potencial turístico na região, que poderia ser extremamente lucrativo e que já estaria sendo aproveitado pelos vizinhos platinos no lado argentino das cataratas. Em paralelo, do lado brasileiro da fronteira, figuraria o “abandono; o deserto”, com a pequena estrada que ligava o núcleo urbano iguaçuense às cataratas estando “intransitável” e o único hotel da cidade “em ruínas” (O Estado, n. 66, 17/12/1936).

Não será possível, neste artigo, analisar a entrevista em sua totalidade, tendo em vista sua extensão e quantidade de informações e possíveis problemáticas a serem melhor trabalhadas. Contudo, o relato de Pedroso nos dá um panorama à respeito dos problemas vivenciados pela população de Foz do Iguaçu naquele período, sobretudo os relacionados à ausência de uma presença mais contundente do Estado brasileiro na região e ao isolamento em relação ao restante do país.

Nesse sentido, é possível conjecturar essa carência do poder público junto ao município como um provável motivo para uma inserção relativamente bem-sucedida do integralismo na região do extremo-oeste paranaense, como denota Athaides ao afirmar que o discurso relacionado ao abandono de certas localidades pelo governo de Ribas foi pauta de críticas do jornal integralista *A Razão* antes das eleições municipais de 1935: “o relativo abandono de algumas regiões pelos poderes públicos [...] pode ser uma variável a se considerar para entendermos a adesão e a votação que a AIB recebeu no interior” (ATHAIDES, 2022, p. 191).

Cabe também lembrar que Coimbra citou suas exonerações dos cargos de inspetor escolar e diretor do grupo escolar Bartolomeu Mitre em seu discurso de posse como vereador suplente em setembro de 1936, afastamentos que foram vistos por ele como ilegais e provas de que estaria sofrendo perseguição por ser integralista (MONTEIRO, 2025, p. 350). Sendo as exonerações motivadas por questões políticas, talvez influenciadas

pela matéria de *O Dia*, ou não, as fontes indicam que, pelo menos no caso do cargo de inspetor escolar, Coimbra foi substituído por um membro do PSD, visto que tanto José Werner quanto Acácio Pedroso eram filiados ao partido que a AIB encarava como principal adversário político no estado do Paraná.

De acordo com Silva (2009), o cenário político municipal de Foz do Iguaçu, no que tange o período que abrange desde sua fundação em 1914 até o golpe do Estado Novo em 1937, não teria apresentado grandes movimentações ou abalos políticos. Nesse período, o município esteve sob a administração de Jorge Samways por 8 anos (1924-1928, 1930 e 1933-1938) e de membros da família Schimmelpfeng por 12 anos, com as gestões de Jorge (1914-1924) e Heleno Schimmelpfeng (1928-1930). Não obstante, reforçando o cenário de pouca renovação política, os prefeitos que assumiram o município entre a emancipação, em 1914, e 1937 tinham pertencido a legislações passadas da câmara de vereadores (SILVA, 2009, p. 128).

Contudo, entre 1936 e 1937, o cenário político do município parece ter vivido uma transformação, pelo menos do ponto de vista partidário: uma rápida aproximação em direção à Ação Integralista Brasileira. É o que indica o periódico integralista *A Offensiva*, que publicou em janeiro de 1937, em sua primeira página, uma notícia que anunciava que, através de uma campanha estadual para angariar novas filiações, o núcleo de Foz do Iguaçu teria conseguido 97 novos filiados e que, não obstante, contaria com 5 vereadores que teriam abandonado seus “partidos liberais-democráticos para ingressar nas hostes do sigma” (*A Offensiva*, n. 399, 28/01/1937).

A fim de comparação, quase dois anos antes, em novembro de 1935, com poucos meses de existência, o núcleo integralista de Foz do Iguaçu contava com um total de 58 filiados (MONTEIRO, 2025, p. 348). São números expressivos, levando em conta a população de cerca de 10 mil pessoas que habitavam a região oeste paranaense na década de 1930.

Os nomes de todos os vereadores de Foz do Iguaçu que teriam, segundo o jornal, abandonado suas legendas a fim de se filiar à AIB, além dos já sabidos Carlos Zewe Coimbra e Heleno Schimmelpfeng, só foram publicados em setembro daquele ano, novamente na primeira página, com direito a um destaque ainda maior:

Ergue-se no coração da terra brasileira um anseio incrível de renovação! Em Foz do Iguaçu quando houve a eleição municipal, não havia ainda Integralismo - Hoje, dos 8, 6 vereadores só encontram no movimento de

Plínio Salgado o caminho da grandeza do Brasil! (A Offensiva, n. 596, 18/09/1937).

Tomando Foz do Iguaçu como um exemplo, a matéria argumentava que, seguindo a tendência que se fazia presente em todas as Províncias, os municípios do interior teriam igualmente “demonstrado seu desencanto” pela democracia liberal, que estariam fazendo-os ficar sujeitos “a todas as arbitrariedades [...] das olygarchias provincianas, depois, enfraquecido, interiormente pelas competições estereis do coronelismo” (A Offensiva, n. 596, 18/09/1937).

Foz do Iguaçu teria, segundo o jornal, exemplificado essa “renovação” através da migração partidária de agora seis vereadores que teriam trocado o PSD pela AIB. De acordo com *A Offensiva*, além dos chefes municipais, Coimbra e Schimmelpfeng, os vereadores apontados como integralistas seriam: Pedro Francisco Keru, Ascendino Baptista, Balduíno Welter e Manoel Ludgero Pompeu. Não foi possível identificar, com exceção de Coimbra, que assumiu o cargo como suplente, quais vereadores teriam sido eleitos em 1935 e quais seriam suplentes. O jornal veiculou ainda uma fotografia atribuída como registro de uma visita dos vereadores à câmara municipal do Rio de Janeiro:

Imagem 1: Imagem publicada em *A Offensiva* como registro de visita dos vereadores ao Rio de Janeiro.



Fonte: Recorte de *A Offensiva*, n. 596, 18/09/1937, p. 1.

O jornal integralista indica, portanto, que entre 1936 e 1937, a AIB teria chegado a constituir a maioria das cadeiras da câmara municipal de Foz do Iguaçu, através de seis lugares na legislatura. Tal conjuntura teria sido possível por meio da filiação de

vereadores que teriam conseguido seus votos no pleito de 1935 pelo PSD. Destaca-se o caso de Heleno Schimmelpfeng, que integrava, em 1934, o diretório do PSN em Foz do Iguaçu, mas que, segundo *A Offensiva*, estaria filiado ao PSD quando teria decidido trocá-lo pela AIB. Essa característica aparece como específica ao caso de Foz do Iguaçu, visto que, como demonstrou Athaides, em outros municípios do interior paranaense, o integralismo chegou às câmaras legislativas através do voto integralista. Ademais, o integralismo como força política teria despontado em um contexto de maior influência e adesão do PSD de Acácio Pedroso, um dos fundadores do partido e descrito como “influyente chefe político”, no cenário iguaçuense.

É preciso ressaltar que essas informações devem ser tomadas com cuidado, visto que não foram encontradas outras fontes que pudessem confirmar tamanha adesão da população em geral e dos vereadores de Foz do Iguaçu à AIB. O fato dos únicos registros encontrados estarem em um veículo de doutrinação integralista também é pertinente, e pode levantar a possibilidade de algum exagero ou manipulação nos números divulgados. Caso o número de 97 filiações realizadas na AIB iguaçuense em dezembro de 1936 seja verdadeiro ou mesmo próximo da realidade, somados aos 56 filiados anteriormente registrados, estaríamos falando de um núcleo que teria iniciado o ano de 1937 com mais de 150 filiados em uma região cuja população era de aproximadamente 10 mil pessoas, um número relevante, mas que ainda categorizaria o núcleo de Foz do Iguaçu como um dos menores do estado naquele contexto. De forma parecida, se a informação de que 6 dos 8 vereadores da cidade estariam filiados à AIB às vésperas do fechamento do partido também procede, seria possível afirmar que o integralismo transformou o cenário político do município iguaçuense após a fundação do núcleo em novembro de 1935, e justificaria a atenção dada pelo periódico *A Offensiva* às supostas adesões, divulgadas na primeira página do jornal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos deste artigo se delimitaram por investigar e identificar, através de fontes periódicas, em sua maioria, com a exceção de *A Offensiva*, produzidas no contexto paranaense: as atividades dos vereadores integralistas do município de Foz do Iguaçu entre 1935 e 1937; e possíveis migrações e aproximações partidárias desses indivíduos.

Nesse sentido, este trabalho conseguiu identificar que Carlos Zewe Coimbra, chefe da AIB iguaçuense, foi exonerado dos cargos de professor e de diretor do Grupo

Escolar Bartolomeu Mitre, principal instituição de ensino de Foz do Iguaçu à época, e de inspetor escolar do município no início de 1936. O fato ocorreu após a divulgação de uma matéria publicada no jornal *O Dia*, de Curitiba, que procurava denunciar Coimbra por uma suposta má gestão educacional; por realizar atividades partidárias utilizando de suas posições enquanto diretor e inspetor; e por nomear diretores escolares sob critérios ideológico e partidário, preterindo por integralistas para ocupar os cargos.

Não obstante, através de análise de trechos do jornal integralista *A Offensiva*, foi possível trazer à tona a possibilidade de que tenham ocorrido adesão partidária de diversos vereadores que ocuparam assentos na câmara municipal de Foz do Iguaçu entre 1936 e 1937 à AIB, demonstrando, nesse sentido, a relevância que o integralismo pode ter exercido no cenário político iguaçuense do período. Falamos de uma cidade extremamente isolada em relação ao restante do país, com população urbana ínfima, mas que teria possivelmente conseguido abrigar um núcleo integralista com mais de uma centena de filiados e possuir, provavelmente, em determinado momento, 6 dos seus 8 vereadores como camisas-verdes. Através de um enfoque regional, este trabalho pôde visualizar aspectos específicos acerca da atuação integralista em Foz do Iguaçu, como o alto número de vereadores que teriam trocado partidos tradicionais como o PSD pela AIB e o uso de excursões às Cataratas do Iguaçu como instrumento de propaganda integralista na cidade.

Além disso, este trabalho conseguiu levantar possíveis causas e/ou vetores da criação e consequente consolidação do núcleo integralista de Foz do Iguaçu, sendo elas: em primeiro lugar, o desejo de expansão à oeste dos membros da Província integralista do Paraná; em segundo lugar, a frente de propaganda liderada por Carlos Zewe Coimbra, chefe do núcleo, que ocupava cargos públicos ligados à educação do município; e por último, o estado de isolamento, a ausência do Estado Brasileiro e de suporte do governo estadual na região oeste paranaense, que podem ter contribuído para o fortalecimento do discurso integralista antigoverno Ribas entre os iguaçuenses.

Nesse sentido, este artigo contribui para o resgate de trajetórias políticas de atores ainda pouco explorados pela produção historiográfica sobre o integralismo no Paraná e, sobretudo, sobre a história política da região do Extremo-Oeste paranaense. Além disso, aponta para estratégias específicas de inserção política e de propaganda por diferentes militantes.

Vale também destacar que o passado integralista da tríplice fronteira é pouco ou quase nada conhecido pela comunidade, sendo os personagens envolvidos nas atividades integralistas do município pouco citados pela “história oficial” da cidade ou pela historiografia até hoje produzida. Cabe aos historiadores continuar a resgatar as histórias de um movimento cujo legado ainda ecoa no cenário político atual, vide a ascensão de discursos de extrema-direita nas últimas décadas, sob a égide de Deus, Pátria e Família.

REFERÊNCIAS

FONTES

A OFFENSIVA. Rio de Janeiro, Ano IV, nº 399, 28 de janeiro de 1937. Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 14/04/2026 às 10:54.

A OFFENSIVA. Rio de Janeiro, Ano IV, nº 596, 18 de setembro de 1937. Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 14/04/2026 às 10:54.

CÂMARA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. Composição histórica da câmara. Disponível em <https://www.fozdoiguacu.pr.leg.br/institucional/composicao>. Acesso em 16/04/2026 às 17:26.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, Ano XXXVI, nº 11850, 16 de agosto de 1934. Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 14/04/2026 às 11:06.

O DIA. Curitiba, Ano XIII, nº 3577, 10 de setembro de 1935. Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 14/04/2026 às 11:14.

O DIA. Curitiba, Ano XIV, nº 3512, 20 de fevereiro de 1936. Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 14/04/2026 às 11:14.

O ESTADO. Curitiba, Ano I, nº 66, 17 de dezembro de 1936. Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 14/04/2026 às 11:20.

BIBLIOGRAFIA

ATHAIDES, Rafael. **As paixões pelo sigma**: afetividades políticas e fascismos. Tese (Doutorado) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

_____. O integralismo e as eleições no Paraná na década de 1930. **Revista Eletrônica Trilhas da História**, v. 11, n. 22, p. 179-195, 2022.

BARROS, José D'Assunção. O campo histórico – considerações sobre as especialidades na historiografia contemporânea. **História Unisinos**, v. 9, n. 3, p. 230-242, 2005.

_____. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas: uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**, Coimbra, v. 52, p. 397-419, 2021.

BRIGHENTI, Clovis Antonio; SANTOS, Rosângela Daiana dos. Encobrimento indígena no processo de colonização do oeste do Paraná. **Revista digital do Instituto Latino-americano de Arte, Cultura e História - UNILA**, v. 1, p. 113-131, 2017.

CAMPOS, Nevio de. Diário da Tarde e Cruzeiro: querelas entre anticlericais e católicos no Paraná (1931-1932). **Antíteses**, v. 6, n. 12, 2013, p. 391-416.

CAPRINI, Aldieris Braz Amorim. A Nova História Política e a História Regional. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo**, v. 66, p. 103-111, 2011.

CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. Nova História Política e considerações sobre os conceitos de cultura política e representações. **Cadernos de História UFPE**. Dossiê: histórias e teorias, v.4, n.4, 2007.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa**. Projeto História, São Paulo, n.35, p. 253-270, 2007.

DITZEL, Carmencita de Holleben Mello. **Manifestações Autoritárias**: O Integralismo nos Campos Gerais (1932-1955). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2004.

_____. **Imaginário e representações**: o integralismo nos Campos Gerais. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha História”: o retorno da História Política. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

GAVA, Eliziane. **O Fenômeno fascista da Ação Integralista Brasileira (AIB) no Oeste Paranaense**: Conflitos políticos na região de Guarapuava/PR (1935-1938). Dissertação

(Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2016.

_____. **O Fascismo Integralista e as disputas pelo poder onde se caçam os guarás (1935-1938)**. 1. ed. Guarapuava/PR: Unicentro, 2023.

GRANATO, Natália Cristina. O poder legislativo paranaense no contexto da Revolução de 1930: um estudo sobre os capitais familiares e políticos dos deputados federais e estaduais (1930 a 1937). **Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses**, Curitiba, v. 5, n. 1, 2019.

LIMA, Larissa Souza de; SILVA, Rosangela de Jesus. “A victoria do feminismo”: repercussões da conquista do voto feminino no Rio Grande do Norte no jornal curitibano *O Dia* (1927). In: GERALDO, Endrica (Org); SILVA, Evander Ruthieri da (Org). **História social e história cultural: perspectivas de pesquisa**. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2026.

MARCHETTE, Tatiana. **A trajetória de Brasil Pinheiro Machado e a construção da historiografia regional no território acadêmico; 1928-1953: do poema ao modelo historiográfico**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2013.

MONTEIRO, Diego. O sigma nas cataratas: o Integralismo em Foz do Iguaçu (1935-1955). **Epígrafe**, São Paulo, Brasil, v. 14, n. 2, 2025, p. 338–368.

OLIVEIRA, Luiz Gustavo; MONTEIRO, Claudia. Práticas coronelísticas e integralismo em Teixeira Soares - PR (1930-1937). **Revista Tempo, Espaço, Linguagem**. Irati, v. 03, n. 01, 2012, p. 98-119.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. Notas sobre a Política Paranaense de 1930-1945. **Revista de Sociologia e Política**, v. 9, 1997.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PRIORI, Angelo; et al. A história do Oeste Paranaense. In: _____. **História do Paraná: séculos XIX e XX**. Maringá: Eduem, p. 75-89, 2012.

RÉMOND, René. Uma história presente. In: _____(org). **Por uma História Política**. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SANTORUM, Andrelise Gauterio. **Fascismo à brasileira: juventude e imprensa como instrumentos de doutrinação da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SILVA, Márcia Pereira da; FRANCO, Gilmara Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 4, n. 8, 2010.

SILVA, Micael Alvino da. **A Segunda Guerra Mundial e a Tríplice Fronteira**: a vigilância aos “súditos do Eixo” alemães e italianos. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2021.

_____. Notas sobre a Administração Pública em Foz do Iguaçu (1888-1937). **História na Fronteira**, Foz do Iguaçu, v. 3, n. 3, 2009, p. 115-137.

SILVA, Micael Alvino da; LISBOA, Marcelino Teixeira; GIMENEZ; Heloisa Marques. Extremo Oeste: A historiografia regional, o Oeste e a (Tríplice) Fronteira internacional do Paraná. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 27, n. 1, p. 360-386, 2022.

SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira (Org); _____ (Org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**, Vol.1. Guaíba: Sob Medida, 2011.

TRINDADE, Hégio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. 2º ed. São Paulo: Difel, 1979.

WACHOWICZ, Ruy. **Obrageros mensus e colonos**: história do oeste paranaense. Curitiba: Vicentina, 1982.

ZLATIC, Carlos Eduardo. **História regional**: convergências entre o local e o global. Curitiba: Intersaberes, 2020.